

# Quatro anos no Real – e na real

**A**nteontem foram comemorados os quatro anos do Plano Real. A diferença dos aniversários pessoais, em que os “parabéns” são impróprios (afinal, que mérito existe em sobreviver mais um ano?...), no caso do Real as honrarias são mais que justas.

Houve mérito, sim. E imenso. Mérito de FHC, que, como ministro da Fazenda, logrou, simultaneamente, anular a desconfiança do mercado e a destemperança de Itamar. Mérito de Ricúpero, que soube conduzir a dura etapa de transição. Mérito da equipe econômica, que, tanto nos seis meses de elaboração quanto nos quatro anos de gerenciamento, soube sempre manter a sobriedade, a lucidez e os pés no chão (até porque, ao menor pulo de alegria, alguém lhes puxaria o tapete). Só não cito Ciro Gomes porque ainda tenho dúvidas quanto ao seu efetivo desempenho no processo...

Quatro anos com inflação de um dígito é algo que a minha geração nunca teve a chance de vivenciar. E o efeito disso é muito mais abrangente do que aparenta. É algo que extravasa a área econômica, avança no campo psicossocial e penetra nas urdiduras mais profundas de crenças e convicções de todo um povo.

Curiosamente, em vez de comemorar o feito, grande parte da mídia esteve coalhada de artigos, análises e depoimentos cujo tom, invariavelmente, era queixoso. Alguns alegando que o pla-



**“Em política e carro de boi, a pior roda é sempre a que mais chia...”**

no não se sustenta, outros afirmando que o seu custo “foi muito alto”. Houve até aqueles, mais ousados, que sentenciaram: “O Real só serviu para sacrificar o povo!”

Mesmo os que não tinham nada a dizer trataram, assim mesmo, de dizer alguma coisa: “FHC não fez nada pelo social!”

“Este presidente só governou para os ricos!”

“Este governo só serviu para aumen-

tar a miséria!”

Que Lulas e Brizolas se esforcem para criticar o governo é algo compreensível, mormente num ano eleitoral. Afinal, ninguém espera que bois erados falem bem do frigorífico. Agora, quando “isentos especialistas” fazem o mesmo em suas análises, tal fenômeno, no mínimo, dá o que pensar...

Alguém já disse que o “Brasil é o único país que se mantém subdesenvolvido por convicção e esforço próprio”... Essa assertiva, convenhamos, faz sentido.

Pelos cânones de nossa cultura, o otimismo – ao menos por escrito – não é algo de bom-tom. Soa como ingenuidade, quando não como bajulação. Prestígio, por aqui, só se angaria pelo surrealismo trágico.

A TV, por exemplo, em sua renhida guerra pela audiência, há muito já descobriu que os temas preferidos do brasileiro são a saúde e a sorte – ou melhor, a falta de ambas. Os noticiários são cuidadosamente pautados para, entre uma notícia relevante e ou-

tra, encaixar alguma tragédia ou epidemia. Se for por aqui, melhor. Se não, valem até mesmo as da longínqua Bangladesh. E agora que o Ratinho aprimorou a fórmula, ninguém mais segura este país!

O fato é que, talvez por herança ibérica, nós só nos sentimos bem quando nos sentimos mal...

Afinal, para nós, não há nada pior do que “aquela insuportável sensação de bem-estar”.

Lembro-me, a propósito, de que, no início da década passada, a revista inglesa *The Economist* publicou uma abrangente reportagem sobre o Brasil, ao final da qual o editor, ao perceber tal característica, com fina ironia britânica, concluiu o texto mais ou menos assim: “Trata-se de um povo muito peculiar. A nação, na média histórica dos últimos cem anos, foi a que mais cresceu no mundo; sua exuberância, em terras e minérios; é incomparável; além disso, foi poupada por Deus dos cataclismos naturais e dos conflitos humanos. Não obstante isso, não há brasileiro que, quando questionado, não recorra à expressão: ‘Estamos à beira do abismo!’ O mais provável é que, em razão da topografia suave, eles nunca tenham tido a oportunidade de conhecer um abismo de verdade...”

De fato, esse mórbido diagnóstico já faz parte de nossas mais arraigadas tradições: consta que foi pronunciado, pela primeira vez, no Parlamento do Império, em meados do século passado... Pegou.

Quanto a estarmos vivendo “a maior crise de nossa História”, também há consenso: meu pai já dizia isso desde que eu era pequeno. E meu avô, ao que eu saiba,

também. A nossa hipocondria não é individual, é social...

Mas voltemos ao tão discutido Plano Real.

Já fui opositorista em várias ocasiões e condições – de Figueiredo a Sarney, como estudante, jornalista e político. Uma das coisas que nelas aprendi – e parece estar um tanto esquecida, atualmente – é que, para fazer um bom trabalho, antes de distorcer os fatos, não custa nada procurar entendê-los.

Acusar FHC de não ter feito nada pelo social ou de, até mesmo, ter aumentado a miséria é uma falácia tão frágil que, à primeira réplica, vai acabar por desmoralizar de vez os seus oponentes. Há indicadores de credibilidade internacional que demonstram exatamente o contrário.

Não é difícil, obviamente, encontrar inúmeras falhas e disfunções no período pós-Real. Mas elas, seguramente, pouco têm que ver com o plano.

O sr. Lula, o único candidato com algum potencial para enfrentar FHC nas urnas, para sorte do segundo, parece que não aprende. Repetente contumaz no que tange às eleições, continua persistindo nos erros de sempre. Critica sem apresentar soluções, grita slogans, em vez de escrever programas. E, para agravar o quadro, ainda foi buscar um vice cuja principal característica é repetir, há 30 anos, as palavras de ordem que aprendeu há 50.

Desse jeito o povo vai acabar seguindo os conselhos do caboclo: “Em política e carro de boi, a pior roda é sempre a que mais chia...”

■ João Mellão Neto, jornalista, é deputado federal (PFL-SP)